

Celebrar a batucada e cada toque do tambor: a integração da universidade às manifestações carnavalescas de rua.

Catherine Furtado dos Santos
UFC
batherine_84@yahoo.com.br

Artur Guidugli de Mendonça
UFC
tuzintuzin@gmail.com

Josemberg de Lima Tavares
UFC
josembergdelima@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho procura relatar as experiências que perpassaram pelo processo de ensino e aprendizagem nas vivências de formação musical e artística pelo Grupo de Música Percussiva Acadêmicos da Casa Caiada (GMPACC) ao desfilar pela segunda vez no carnaval de rua da cidade Fortaleza. O grupo é um projeto de extensão do Núcleo de Música Percussiva do curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC) que desenvolve atividades de formação musical e produção artísticas em um contexto colaborativo de música percussiva. Durante o trabalho, foram realizados registros em áudio e vídeo, diários de campo, entrevistas e fundamentações com o aporte teórico de autores próximos da temática como Dalcroze (1921; 1967), Freire (1996), Guerreiro (2000), Libâneo (2000), Santos (2013) e Tanaka (2009). Assim, o relato contribui para com os futuros trabalhos de educação musical, refletindo sobre as práticas musicais presentes em um processo de criação artística em conjunto.

Palavras chave: Música Percussiva, Cultura Popular, Formação Musical

Introdução

O Grupo de Música Percussiva Acadêmicos da Casa Caiada (GMPACC) é um projeto de extensão do Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC) interligado ao Núcleo de Música Percussiva da UFC. Foi fundado no mês de junho de 2008 através da iniciativa dos alunos matriculados na disciplina de Oficina de Percussão I e II, semestre 2008.2, lecionadas, inicialmente, pelo Prof. Dr. Erwin Schrader¹. O nome do grupo foi dado pelo Mestre de Cultura Descartes Gadelha², tendo participação fundamental

¹Erwin Schrader: Mestre e doutorando em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da UFC. Professor do curso de música e coordenador do Núcleo de Percussão da UFC.

²Descartes Gadelha: personalidade de grande importância à cultura carnavalesca da cidade de Fortaleza. Fundador de várias escolas de samba e grupos de maracatus. É cearense, artista plástico e ritmista.

nesse processo de fundação e colaboração com seus conhecimentos rítmicos sobre a cultura popular brasileira. Descartes Gadelha, inspirado na paisagem do espaço onde ainda acontecem as aulas de percussão, a Casa de José de Alencar³ – UFC nomeou o grupo de Casa Caiada. Tal nome faz referência a casa onde morou o escritor José de Alencar, atualmente integrada ao patrimônio da UFC.

O projeto conta, atualmente, com a participação de estudantes de escolas públicas, graduandos e funcionários da UFC, além da comunidade em geral. Desde 2009, atua sob a regência de Catherine Furtado dos Santos⁴ e neste ano atual, 2014, desenvolve o trabalho de orientação no grupo com os bolsistas Artur Guidugli de Mendonça⁵ e Josemberg de Lima Tavares⁶.

O grupo tem como proposta desenvolver a formação musical e produção artística em um contexto colaborativo através da música percussiva, propiciando também a inserção da linguagem percussiva popular no âmbito acadêmico. Estão à disposição dos participantes do grupo aproximadamente 244 instrumentos percussivos diversos. Os encontros acontecem semanalmente, aos sábados, no espaço da Casa de José de Alencar (UFC), de 09 às 12h.

As atividades do grupo são organizadas sobre três propostas formativas desenvolvidas ao longo do ano:

- 1º proposta – Preparativos para o desfile carnavalesco de rua;
- 2º proposta – Ensaios e apresentações de um espetáculo percussivo;
- 3º proposta – Organização da Semana de Música Percussiva (SEMUP).

O desenvolvimento destas atividades possibilitou que em 2011 o grupo se apresentasse pela primeira vez na programação carnavalesca da cidade de Fortaleza, com o samba-enredo “Casinha Caiada” - idealizado pelo ritmista Descartes Gadelha, griô⁷ e

³Casa de José de Alencar: Instituição cultural mantida pela Universidade Federal do Ceará e tombada pelo IPHAN em 1968.

⁴ Catherine Furtado dos Santos: foi bolsista no projeto de extensão Casa Caiada – UFC no período de 2009 até 2012. Atualmente é professora efetiva do curso de música – UFC, lecionando as disciplinas de Percussão e Estágio. Doutoranda em Educação Brasileira – UFC. Coordena e rege o GMPACC – UFC.

⁵ Artur Guidugli: graduando em música pela UFC. Baterista e regente auxiliar do GMPACC – UFC.

⁶ Josemberg de Lima: graduando em música pela UFC. Ritmista e regente auxiliar do GMPACC – UFC.

⁷ Griô: todo cidadão que se reconheça e seja reconhecido pela sua própria comunidade como herdeiro dos saberes e fazeres da tradição oral.

também colaborador na fundação do grupo. Após um período de reorganização, o grupo volta em 2014 à avenida, integrando novamente a programação carnavalesca da cidade de Fortaleza, desta vez com a composição em ritmo de samba-reggae “*Repicaxê*” – idealizado pela nossa regente.

Como foco deste trabalho o relato de experiência apresentará as etapas de concepção da atividade carnavalesca de 2014. Assim, para uma melhor compreensão desse relato faz-se necessário, inicialmente, a contextualização sobre o período carnavalesco fortalezense, tendo, logo após, a descrição dos processos formativos significativos deste trabalho.

Contextualização

O movimento percussivo na cidade de Fortaleza é representado pelos grupos carnavalescos como Blocos, Cordões, Maracatus e Afoxés. Grande parte da produção artística percussiva possui uma proposta de criação artística vinculado ao calendário carnavalesco, tendo assim uma dependência desse trabalho percussivo por parte de alguns grupos populares para com os festejos de carnaval.

No ano de 1980 o carnaval de rua da cidade de Fortaleza entrou em declínio pelo fato do surgimento da moda do carnaval de praia, na qual grande parte da população particularmente nesse período escolhia aproveitar os festejos nas regiões litorâneas. Segundo SANTOS (2013), essa iniciativa do carnaval de praia teve o incentivo dos órgãos públicos da cidade que contribuíram na organização dos eventos.

A novidade foi incentivada pelos próprios órgãos públicos da cidade, programando uma variedade de eventos que aconteciam através das apresentações musicais em trios elétricos característicos do carnaval baiano: o *Axé Music*. (SANTOS, 2013, p. 19)

No começo dos anos 90, a Fundação de Cultura, Esporte e Turismo (FUNCET), um órgão público vinculado à prefeitura, em parceria com a Federação das Agremiações Carnavalescas (FAC) organizaram ações de revitalização do nosso carnaval de rua. Os investimentos objetivavam a valorização e incentivo a continuação dos desfiles por meio da melhoria da infraestrutura, segurança, higiene, iluminação durante o evento e até mesmo

verbas para as agremiações e produção artística. Infelizmente essa parceria entre FUNCET e FAC estava em meio a controvérsias, segundo SANTOS (2013).

Essa estratégia de “revitalização” do carnaval em Fortaleza foi marcada por várias controvérsias do órgão da prefeitura com a FAC. O local do desfile – Avenida Domingos Olímpio – não recebia nenhuma condição viável de infraestrutura para a realização dos desfiles, a verba liberada pela prefeitura para ser repassada aos grupos, além de não ser suficiente para o investimento, era, muitas vezes, recebida com bastante atraso pela FAC. (SANTOS, 2013, p. 20)

A prefeitura observando as festas de carnaval dos outros estados percebeu a necessidade investir no setor turístico, por isso buscou ser mais atenta à realidade dos grupos carnavalescos. Segundo SILVA (2004) os meios de comunicação divulgavam no ano de 2003 propagandas com mensagens de valorização do carnaval de rua da cidade que acarretaria numa participação maior de cearenses e turistas na avenida.

Fortaleza está [*sic*] tentando valorizar o carnaval de rua. Em 2003, observei que as redes de televisão e rádios divulgavam, a todo instante, chamadas para o desfile, colocando o maracatu como um diferencial no carnaval. Frases como estas faziam parte das chamadas, ‘venha curtir um carnaval diferente’, ‘Fortaleza também tem carnaval’, ‘valorize sua cultura, venha ver os maracatus, os blocos e as escolas de sambas’. Em anos anteriores não havia esse tipo de divulgação, quando muito os jornais e telejornais anunciavam a programação do desfile. A campanha resultou em número [*sic*] maior de cearenses e turistas na avenida. (SILVA, 2004, p. 102)

Em 2014, no final de fevereiro até o começo de março a cidade de Fortaleza se encontrava em pleno período carnavalesco, no qual diversas manifestações da cultura popular participaram dos desfiles que aconteceram na avenida principal. Nesse trecho da cidade os Maracatus, Afoxés, Cordões e Blocos de rua fortalezenses ganharam espaço para desfilarem e apresentar seus trabalhos desenvolvidos durante os meses que antecederam o período do carnaval.

A partir das considerações feitas acerca do contexto da música percussiva em Fortaleza, da produção artística musical feita pelos grupos de rua e baseando-se nas experiências proporcionadas pelo desfile carnavalesco do ano de 2011, o GMPACC decide participar desse encontro percussivo abrindo os desfiles na segunda-feira, dia três de março, às 16hs na avenida principal com samba-reggae “*Repicáxe*”.

Construindo um “novo” carnaval

Nossos encontros semanais começavam com uma acolhida, na qual os participantes eram convidados a formar um círculo. Neste momento inicial era apresentada ao grupo a proposta de ensino do dia e também era acertado os nossos acordos de trabalho acerca do horário de chegada dos integrantes nos ensaios, datas de possíveis apresentações, funções destinadas a determinadas pessoas e o respeito com o processo de aprendizagem dos participantes. Ou seja, um trabalho de formação humana, por meio de uma prática percussiva em conjunto. Segundo Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* é por meio do diálogo que se constrói o saber que se completa em meio às diferenças, quando respeitadas.

É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (FREIRE, 1996, p. 60)

Essas rodas de conversas se faziam necessárias em nossas vivências, pois eram momentos de integração onde cada participante expressava sua opinião e compartilhava suas impressões acerca do processo de ensino aprendizagem. A partir das impressões apresentadas pelos participantes que se era planejado as intervenções pedagógicas para os próximos encontros.

O segundo momento da aula/ensaio era destinada aos exercícios de alongamento, respiração, aquecimentos vocais e dinâmicas rítmicas corporais que buscavam uma preparação corporal de cada integrante para as atividades artísticas percussivas em conjunto. Parte das atividades que precediam a prática instrumental eram voltadas para os elementos corpo e ritmo que proporcionava aos participantes um processo de musicalização por meio da linguagem corporal. Os elementos musicais como pulso, métrica, andamento, duração e figuras temporais de valor simples eram vivenciados com a ação de andar pelo ambiente e com o bater de palmas, buscando sensibilizar o grupo para com a percepção das variações de duração.

A música é composta por sons e movimento. O som é uma forma de movimento de segunda ordem, sendo o ritmo de primeira ordem. Os estudos musicais devem, portanto, ser precedidos por exercícios de movimento. Todos os membros - primeiro separadamente, depois simultaneamente e

finalmente todo o corpo - devem ser postos em movimento rítmico, devendo as formações resultantes, i. e. as relações entre a energia, o espaço e o tempo envolvidos, ser cuidadosamente compostas e reguladas. (DALCROZE, 1921; 1967, p.44)

As nossas práticas articuladas às ideias de Émile Jaques Dalcroze nos permitiu perceber que os movimentos corporais possibilitaram ao grupo uma apropriação natural de elementos musicais.

O terceiro momento dos encontros era a prática percussiva, no qual era vivenciado com os participantes o ritmo de cada instrumento e a contextualização dos elementos utilizados na concepção artística para que em seguida o grupo fosse dividido por naipes. Nesses subgrupos os percussionistas experientes tornavam-se líderes de naipe que orientavam os ritmistas recém-ingressos a se familiarizarem com a linguagem percussiva, por isso os mesmos procuravam trabalhar a maneira de como tocar o instrumento, a técnica de segurar as baquetas, exercícios rítmicos e a passagem do repertório simulando o trajeto pela avenida.

A importância da função de líder de naipe no grupo se apresenta como uma prática colaborativa, tendo a atuação do ritmista como um participante que atua e interage diretamente no processo de formação e construção das atividades do grupo ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. (SANTOS, 2013, p. 104)

O aprender com outro tornava as vivências significativas para os participantes, pois todos eram agentes colaboradores na construção do saber.

FIGURA 1 – Ensaio geral para o desfile



Fonte: Josemberg de Lima.

No decorrer dos ensaios as atividades corporais prepararam o corpo para o trajeto que seria realizado na avenida com o instrumento percussivo. Desta forma, os mesmos apropriavam-se desta linguagem que despertava uma conscientização acerca do instrumento como extensão do seu próprio corpo. Por esse motivo foi preciso desenvolver atividades de cortejos pelas redondezas do ambiente de ensaio.

Nos ensaios destinados aos cortejos foi apresentada ao grupo a distribuição instrumental que seria utilizada no dia do desfile. Organizou-se então a configuração instrumental em relação à quantidade destes instrumentos e pelo critério do tamanho físico, como sugeriu a regente:

Quadro 1: Configuração instrumental

Instrumentos	Quantidades	Fileiras	Observações
Agogôs	03	1 ^a	-
Agbês	02	1 ^a	Utilizado durante a execução do ijexá ⁸
Repiques agudos	05	2 ^a	-
Repiques graves	02	3 ^a	Realizava o padrão rítmico da Caixa.
Caixas	05	4 ^a	-
Surdos de Corte	04	5 ^a	-
Surdos de Marcação	04	6 ^a	-

Fonte: Josemberg de Lima

Os cortejos realizados pelo grupo aos arredores da Casa de José de Alencar foram momentos marcantes para todos os participantes, pois tivemos a oportunidade de entrar em contato com o público e perceber as reações de alegria, de surpresa, de encanto que a população demonstrava aos nos prestigiar tocando perto de suas moradias.

E a presença dessas pessoas traduz a inserção da própria comunidade dentro do espaço educativo. Convive-se e aprende-se, também, sob os olhares dessas pessoas, aprendendo-se inclusive, a lidar com as suas interferências. O conhecimento específico que se adquire nesse espaço faz parte, também, de um saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo. (TANAKA, 2009, p. 109)

⁸ Ritmo sacro das casas de Candomblé tocado para o Orixá Oxum e que também se faz presente no movimento cultural conhecido como Afoxé.

Esta atividade nos possibilitou uma conscientização corporal, musical e interpessoal, pois o percurso até o bairro mais próximo se fazia necessário à caminhada pelo acostamento de avenidas movimentadas e por esse motivo tínhamos que manter a atenção para com o discurso musical, a regência e cada participante.

No decorrer do processo de ensaio a contextualização dos elementos afros utilizados na concepção artística foi importante para que os participantes compreendessem aquilo que estavam tocando. A partir desses saberes compartilhados com o grupo surgiu à criação de uma comissão de frente e para isso o bolsista Josemberg de Lima foi convidado a encenar fantasiado de Oxum⁹.

Celebrar a batucada - O Desfile

No dia do desfile iniciamos o ensaio, conferindo a afinação de cada instrumento e a sonoridade do grupo como um todo. Chamamos a atenção para as dificuldades de um desfile carnavalesco, salientando sobre a importância de estar atento à regência, dada as peculiaridades de um espaço aberto como a avenida. Assim, no intuito de facilitar a comunicação entre regente e batucada, foi acordado que o bolsista Artur Guidugli de Mendonça seria responsável, no decorrer do desfile, por comunicar aos membros da bateria os sinais gesticulados pela regente, atuando assim como um auxiliar de regência.

Neste ano abríamos novamente o desfile das escolas de samba na segunda-feira de carnaval. Porém, diferente de 2011, em 2014 estávamos incluídos oficialmente na programação carnavalesca da cidade, contando assim com toda a infraestrutura cedida pela organização do evento.

Enquanto aguardava a autorização para iniciar o desfile o grupo manteve-se concentrado, num círculo, realizando exercícios de alongamento. Em seguida, organizamos a bateria em sua formação para o trajeto, prestando atenção na distância entre as fileiras de ritmistas, mantendo uma distância confortável e que propiciasse a visão sobre os comandos da regência.

⁹ Deusa africana que habita o rio Oxogbô, em Ijexá na Nigéria.

Assim que anunciado o grupo, iniciamos a execução do “esquenta”¹⁰, que introduzia o ritmo principal do desfile. Devido à experiência do grupo, de já haver desfilado em outro ano na mesma avenida, a dinâmica sobre o desfile-apresentação e o número de repetições sobre cada tema musical foi rapidamente interiorizada. Logo, durante o trajeto variávamos entre o ritmo do samba-reggae e do ijexá a partir das coordenadas da regência, que percebia as demandas do grupo e as administrava durante toda a apresentação. Durante a execução do ritmo ijexá o grupo optou por não se deslocar, possibilitando ao bolsista Josemberg de Lima Tavares realizar uma breve encenação da dança de Oxum.

FIGURA 2 – Desfile na Programação Carnavalesca de 2014



Fonte: Josemberg de Lima.

Aproximando-se do fim do percurso o grupo se despedia e reverenciava os espectadores, que a esta hora retribuía com aplausos. Era perceptível a satisfação e a alegria de todos ali presentes. O sentimento de dever cumprido se mesclava ao de aprendizagem mútua, enchendo-nos de orgulho e satisfação. Ao final, realizamos círculo, onde após um discurso emocionado de nossa regente, cada integrante pode compartilhar seu sentimento. Assim, fechamos com “chave - de - ouro” o segundo desfile do Grupo de Música Percussiva Acadêmicos da Casa Caiada.

¹⁰ Esquenta: termo muito utilizado para determinar o momento que a bateria toca antes de apresentar o samba-enredo.

Considerações Finais

O relato de experiência abordou os processos de ensino e aprendizagem que permearam os ensaios e o segundo desfile carnavalesco do Grupo de Música Percussiva Acadêmicos da Casa Caiada. As atividades propiciaram ao grupo um reencontro com as manifestações populares locais da programação carnavalesca da cidade de Fortaleza no ano de 2014.

No início deste artigo foi importante abordar o contexto carnavalesco da cidade e o histórico de sua formação, dialogando com o grupo acerca de sua importância dentro do processo de revitalização do carnaval de rua. Foi possível perceber várias maneiras em que a formação musical pode ser construída, a partir do momento em que se amplia o contexto da educação. Segundo Libâneo (2000, p.91), “a prática educativa manifesta na sociedade mediante distintas modalidades e diferentes instâncias”.

Este relato tratou de três principais momentos em que as práticas de ensino e aprendizagem aconteceram. O primeiro foi “*O preparo para os ensaios*”, o segundo, “*O processo de ensaio*” e o terceiro “*Celebrar a batucada e cada toque do tambor - O Desfile*”.

No primeiro, relatamos sobre a reorganização do grupo para concepção de um novo desfile, enfatizando a importância da integração entre veteranos e novatos e da divisão de funções em equipe, colaborando com as atividades em grupo. Com isso, pudemos compreender a importância da integração através de uma manifestação popular e de todos os processos que a englobam.

No segundo momento, relatamos as atividades realizadas nos ensaios, identificando recursos didáticos efetivos como a oralidade, a repetição, a criação, o ensaio do cortejo e a delegação de líderes de naipe no processo de ensino coletivo de percussão. O desfile também foi enquadrado como outra atividade pedagógica. O cortejo na avenida propiciou uma renovação nos ânimos do grupo, além de promover a integração de diferentes histórias e expectativas numa mesma construção artística.

Através dessa experiência pudemos também identificar algumas dificuldades ocorridas durante o processo: à participação de crianças - filhas de integrantes do grupo - durante o desfile. Esta situação veio por despertar a discussão sobre a participação de menores de idade no projeto de extensão.

Com o excelente desfecho da programação carnavalesca, conseguimos motivar a maioria dos novatos para a realização das demais atividades do grupo ao longo do ano. Assim, o GMPACC segue com um cronograma de atividades voltadas para a construção do segundo espetáculo.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54p.

JAQUES – DALCROZE, E. *Rhythm, music and education*. London: Riverside Press, 1967. 404p.

SANTOS, Catherine Furtado. *Casa Caiada: formação humana e musical em práticas percussivas colaborativas*. Fortaleza: p.1-171, 2013.

TANAKA, Harue. *Diário de uma ritmista aprendiz*. Editora da Universitária da UFPB, 2009.

WILLE, R. B. *Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes*. Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Revista da Abem, n.13, setembro. 2005. Disponível em:

< http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/revista13/revista13_artigo4.pdf >.

Acesso em: 5 ago. 2014.